

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Sebastião Beazussi Junior

**UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE AS TÉCNICAS CORPORAIS NA OSTEOPATIA: RELATO DE
UM ESTUDANTE DE CIÊNCIAS HUMANAS E PROFISSIONAL DA SAÚDE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dra. Cristina Dias da Silva.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Sebastião Beazussi Junior, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372097A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE AS TÉCNICAS CORPORAIS NA OSTEOPATIA: RELATO DE UM ESTUDANTE DE CIÊNCIAS HUMANAS E PROFISSIONAL DA SAÚDE**, desenvolvido durante o período de 01 de agosto de 2018 a 28 de novembro de 2018 sob a orientação de Cristina Dias da Silva, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 28 de novembro de 2018.

Sebastião Beazussi Junior

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE AS TÉCNICAS CORPORAIS NA OSTEOPATIA: RELATO DE UM ESTUDANTE DE CIÊNCIAS HUMANAS E PROFISSIONAL DA SAÚDE

Sebastião Beazussi Junior¹

RESUMO

O trabalho apresenta o relato de um estudante de ciências humanas e a aproximação com a osteopatia através de sua profissão na área da saúde. Traz uma introdução e esclarecimento a cerca da osteopatia como técnica corporal para tratamento de doenças e restauração da saúde do indivíduo. Trata da individualidade do tratamento osteopático e a aproximação do profissional com o paciente através da minuciosidade do toque, além do modelo biopsicossocial do indivíduo pelo olhar da osteopatia. Relata a respeito do modelo de saúde e doença e a interação do indivíduo com o meio em qual está inserido e a sua relação com a sociedade que faz parte. Fala sobre a corporeidade como meio de acesso a técnicas corporais e os meios para restauração da saúde e o olhar diferente da medicina ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Técnicas do corpo. Osteopatia. Saúde. Doença

1. INTRODUÇÃO

1.1. Relato sobre a experiência com a osteopatia

O início do curso de osteopatia foi em 2015, a busca por esse conhecimento ocorreu devido à necessidade de integrar os diversos sistemas do corpo humano para a melhor evolução no processo de tratamento fisioterapêutico.

A formação realizada através da graduação em fisioterapia, proporciona um olhar voltado para a biomecânica humana, os macromovimentos são levados em maior consideração para a recuperação e prevenção de um indivíduo (paciente) que foi acometido por alguma doença.

A experiência vivida por cinco anos com atendimentos me levou a questionamentos sobre o sucesso ou não nos tratamentos. Juntamente com a graduação no bacharelado interdisciplinar em ciências humanas, proporcionou um olhar sobre o ser humano social, inserido em um contexto de vida em sociedade e portador de individualidade por questões de experiências de vida adquiridas com sua existência entre muitos outros fatores, despertou um pensamento questionativo a respeito da formação mais mecanicista durante a graduação em fisioterapia.

Olhar para um paciente e buscar identificar uma disfunção através do que ele te relata através de palavras é pouco, diante da complexidade envolvida no processo de saúde e doença e no funcionamento do corpo humano, a partir daí realizar testes específicos da semiologia para buscar mais informações, compõe a avaliação de um fisioterapeuta, que a partir desses sinais conduz o plano de tratamento.

A busca pela formação em osteopatia que é uma área complementar da saúde criada no século XIX e trata o ser humano de forma global, ou seja, é fundamentada no conceito em que todas as partes do corpo funcionam de maneira integrada. A osteopatia é indicada para tratamento das alterações mecânicas e funcionais que acometem o sistema músculo esquelético, neural, postural, visceral, craniano, circulatório e o tecido conectivo dessas estruturas que é chamado de fáscia. Possui uma filosofia própria com métodos de avaliação e diagnóstico centrados na individualidade do paciente e na inter-relação de seus tecidos corporais, bem como na interação destes com o meio ambiente.

A osteopatia abraça o conceito da unidade a estrutura do indivíduo, sua anatomia, e função que é a fisiologia. A abordagem principal ocorre centrada na pessoa e nos cuidados da saúde, em vez de centrada na doença.

O criador da osteopatia Dr. Andrew Taylor Still fundamenta a osteopatia em quatro princípios: A estrutura governa a função; A unidade do corpo; A lei da artéria; Autocura. Esses princípios justificam a utilização da osteopatia e a confirma como ciência pautada no estudo da anatomia e fisiologia humana.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: junin.beazussi@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Cristina Dias da Silva.

A prática dos recursos da osteopatia exige do profissional que utiliza de suas mãos como principal recurso de tratamento uma sutileza grande para identificar as tensões e alterações dos tecidos, e a partir desses dados realizar a aplicação da técnica para a correção, devolvendo assim função a estrutura, esse seria o primeiro princípio de que a estrutura governa função. A partir de então as repercussões podem ser notadas no local da manipulação do tecido ou a distância, pela interligação entre as estruturas óssea, visceral, muscular, neural ou fascial, justificando assim o princípio da unidade do corpo. Tratar as estruturas corporais permite que a vascularização seja retomada de forma adequada, para Still o bom aporte sanguíneo determina o bom funcionamento e recuperação dos tecidos. A auto cura ocorre quando ao eliminar os obstáculos que levam o mau funcionamento dos órgãos e tecidos, o corpo se auto regula sendo capaz de encontrar a homeostase, equilíbrio das funções realizadas pelo corpo.

Muitos fatores influenciam na recuperação de um paciente, a própria vontade do paciente é de extrema importância para que haja adesão às propostas do tratamento. O meio ambiente no qual está inserido, reflete diretamente no processo de saúde e doença, ambientes inadequados interferem na postura, no emocional, e na recuperação de maneira em geral. O fator nutricional, a alimentação adequada permite a máxima eficácia para o sincronismo e o funcionamento celular, auxiliando na regeneração do corpo assim como na recuperação e manutenção da boa saúde.

A osteopatia trabalha sobre o indivíduo, e mesmo que o outro apresente a mesma patologia as abordagens serão diferenciadas e intransferíveis. Cada atendimento é único e direcionado pela avaliação realizada pelo terapeuta osteopata. Essa questão da individualidade do tratamento aponta a necessidade de reconhecimento do ser humano único, haja vista que a medicina ocidental possui como embasamento científico a criação de protocolos para atender a mesma patologia, um dos critérios utilizados para a confirmação da ciência da saúde.

Diante da individualidade do tratamento osteopático, há um desafio no reconhecimento dessa disciplina como ciência. Essas características intrínsecas à prática da osteopatia criam uma estrutura complexa, ativa, adaptável, dedicada, única na qual a relação terapeuta-paciente é chave para o sucesso do tratamento. A atenção ao indivíduo e não ao conjunto de indivíduos, ou até mesmo a atenção ao indivíduo e não à doença existente, criando um rótulo que classifica-o como doente ou em um grupo de doentes, diferencia a osteopatia da ciência médica tradicional ocidental.

Pode-se observar nos atendimentos de osteopatia que as abordagens passam pelo modelo biopsicossocial, além dos mecânicos e neurofisiológicos, que permite reconhecimento do indivíduo como um ser único, ativo e principalmente com poder de auto cura.

De acordo com Consentine *et al* (2016) o principal instrumento de atendimento de um profissional osteopata é o toque, é a maneira na qual se estreita a relação com o indivíduo a ser tratado, esse contato físico com o outro torna-se de extrema importância para os aspectos do tratamento, desde a avaliação, o diagnóstico e as técnicas escolhidas para serem aplicadas como forma de tratamento.

O toque é uma importante ferramenta, poderosa e distinta de comunicação, é essencial e significativo no processo de exame e tratamento. Ao tocar um paciente durante o atendimento o terapeuta transmite um sentimento sutil de bondade, cuidado e apoio, haja vista que o toque terapêutico exige uma sensibilidade para percepção de alterações que precisam ser identificadas e tratadas através da terapia manual. Através do toque além do cuidado e atenção, o terapeuta manual transmite aos pacientes as suas atitudes e competências, essa comunicação sutil envolve uma interação física sendo a base de um relacionamento profissional-paciente bem sucedido (CONSENTINE *et al*, 2016).

2. DESENVOLVIMENTO

Marcel Mauss em as técnicas do corpo faz referência a noção do homem total, nesse ensaio ele relata sobre como os homens servem-se de seus corpos. A elaboração sobre como os seres humanos utilizam seus corpos é ainda muito atual podemos correlacionar com o processo de saúde e doença na atualidade a respeito da dicotomia entre o “ser” e o “ter” um corpo (DAOLIO *et al*, 2012).

Relativizando o olhar biológico que sempre existiu sobre o corpo, Mauss considera-o como produto de uma construção cultural própria de cada sociedade, utilizado de maneira diferenciado por cada ser humano, sendo “matéria prima” e “ferramenta” da cultura. Dessa maneira podemos considerar a construção social do corpo e do gesto como características individuais diferenciando cada indivíduo (MAUSS, 1974). Olhar este que tem relação

direta com o atendimento osteopático que considera cada indivíduo como único e produto de suas interações com o meio no qual está inserido, além de suas experiências vividas. O corpo é determinante social e cultural.

Levando em consideração as técnicas do corpo citadas por Mauss, de 1935, na qual cada sociedade ensina através de transmissão cultural a maneira de utilização dos corpos para as atividades cotidianas, que são apenas diferenciadas pela forma de transmissão, entretanto há semelhanças fisiológicas como as necessidades básicas exemplo da alimentação diferente em cada país do mundo, a maneira na qual são realizadas que as difere possuindo um componente de transmissão tradicional e eficaz.

Segundo (MAUSS, 2003) o corpo é uma das maneiras como os humanos, a sociedade por sociedade conseguem servir-se de seus próprios corpos, utilizando técnicas corporais eficazes e tradicionais dentro de uma sociedade que irá permitir consolidar determinadas estruturas culturais e sociais no indivíduo. Desta forma, o corpo é um elemento repleto de símbolos, como nos (Mauss, 2003) disserta. Ele é, portanto, o instrumento natural e um objeto técnico do ser humano onde são inscritas as tradições da sociedade. Assim, uma pequena ação ou gesto refletem com clareza os elementos culturais aprendidos pelo indivíduo dentro de sua comunidade. É necessário, portanto, realizar uma compreensão mais ampla da visão sobre o corpo, passando pelas dimensões técnicas, o lócus no qual ele ocupa e a construção dele na sociedade. Os saberes antropológicos enveredam-se para o sentido de abrir o leque de visões a respeito da construção do Corpo e como este corpo acarreta a construção de um ser social.

Gastando e Braga (2011) cita em seu artigo "Corporeidade, esporte e identidade masculina" o livro de Suzan Bardo, *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture and the Body* que fala sobre o corpo desde as considerações de Freud sobre a histeria feminina causada por sua insubordinação. Entretanto atualmente são criadas as psicopatologias que expressam as coerções sociais difundidas pelos meios de comunicação e levam as doenças características do século XXI.

De acordo com Ferreira (1994) podemos pensar o corpo de diferentes contextos sociais, não sendo possível interpretar os processos corporais exclusivamente biológicos, sendo que ao corpo aplica-se sentimentos, discursos e práticas baseados na vida social. Importante para os profissionais da saúde que devem buscar indicadores para nortear a avaliação a respeito da saúde ou doença para um indivíduo.

Ferreira (1994) ainda cita o texto de Foucault, *O Nascimento da Clínica*, que traz uma leitura do corpo como sendo um espaço de doença que transmite sinais e sintomas para o profissional que irá fazer interpretações ao examinar e avaliar o corpo do outro. Nesse sentido o corpo comporta-se como um suporte de signos que só possuem significados para o interlocutor que realiza a avaliação, sendo importante a comunicação verbal e não verbal na hora da avaliação.

O terapeuta ao examinar o corpo de seu paciente vai acumulando informações obtidas pela expressão verbal e não verbal na hora da avaliação física, que consiste em buscar informações que o indivíduo não é capaz de expressar por palavras, são sinais que o corpo emite por não estar funcionando corretamente. Sendo assim podemos pensar o corpo como um signo de acordo com Ferreira (1994) ao trazer esse conceito de Barthes (1971) relatando que o signo comunica ideias e transmite mensagens fazendo parte do processo de comunicação. Esse processo de avaliação, seguido por uma investigação através de palpação do corpo e observação dos sinais que são transmitidos formam o ritual de diagnóstico osteopático, pelo somatório de signos que correspondem à disfunções a serem corrigidas para que o próprio corpo tenha condições de promover a autocura.

Numa aproximação entre Tim Ingold (2000) e Marcel Mauss (2003) a construção de técnicas corporais como as fisiológicas exemplificando-as como alimentar-se, locomover-se, são experiências sociais e fazem parte do desenvolvimento, sendo transmitidas aos descendentes num contexto próprio de cada sociedade.

Em oposição a noção de pessoa de Mauss, Ingold traz o conceito de *self* como uma experiência individual. O dualismo em questão considera tanto a pessoa como organismo quanto *self*, retratando a individualidade e a sua oposição dentro de um campo social (SILVA, 2011).

Ingold (2000) considera a impossibilidade de concepção entre pessoa e situações sociais separadas, considera a concepção de pessoas por aspectos práticos entrelaçando as habilidades técnicas com as experiências culturais entrando as duas intrinsecamente ligadas no processo de construção da subjetividade humana (SILVA, 2011).

Um dos debates que tem aquecido as discussões na antropologia contemporânea, está voltado para os fundamentos teóricos de diferentes questões analíticas acerca da humanidade e do desenvolvimento desta humanidade a partir das relações entre natureza e cultura. O ensaio de Tim Ingold (1991) *Become persons: consciousness and sociality in human evolution*, traz uma teorização mais ampla e sistêmica desta visão, apontando os desafios que a antropologia cultural e à ciência biológica detém para conceituar tal evolução

humana e caracterizar as pessoas como , de fato, humanos. Não só pela biologia que se aplica e a evolução de personificação que os diferem da animalização, mas devido o mútuo envolvimento entre cultura e a natureza que dão lugar à ação e à consciência dentro de um processo contínuo da vida conforme explicou (INGOLD, 1991).

Ainda que este ensaio seja de 1991, a sua contemporaneidade é tão efetiva que artigos posteriores, inclusive do próprio Ingold retomam tal discussão, dando enfoque aos desdobramentos do conceito de organismo/pessoa, lapidando-o através de reflexões a cerca da biologia e do ambiente no qual o ser humano está envolvido e que desperta neste ser humano ainda mais a sua humanidade.

Nessa articulação, um fato relevante é o interesse analítico de Ingold, pela questão da indissociabilidade do conjunto mente/corpo que reflete a humanidade do ser humano. Ingold(2002) debruça-se nas questões que impetram ao ser humano a perspicácia dos sentidos, da linguagem, da tecnologia e da arte, para compreensão das formas de engajamento e de desenvolvimento da sociedade como um todo. (INGOLD, 2004).

Desta maneira, observa-se que desde o ensaio de INGOLD, *Become persons*, de 1991, surge a necessidade de se questionar a especificidade ontológica do "social". Para o autor, as capacidades de pensar e agir do ser humano são resultados de um sistema formado por natureza, evolução, biologia, cultura e sociedade que são desenvolvidos por meio do ambiente em que a pessoa está. Desta forma, há na formação da humanidade a influência de um campo de relacionamentos com o mundo e com outras pessoas.

Faz-se uma aproximação entre a antropologia e a saúde com o olhar voltado ao conceito filosófico da osteopatia a partir de um entendimento a respeito das influências do estado de saúde e doença da população através das condições de vida das pessoas e sua interação com o meio no qual estão inseridos. Assim podemos considerar que o ser humano e sua forma de se relacionar com seu próprio corpo, sua saúde, ou com a doença refletem pela sua singularidade às ordens culturais e sociais (NICACIO, 2005).

Nóbrega (2010) ao citar Merleau-Ponty em seu artigo traz a corporeidade como estratégia para a abordagem sobre o corpo como as realizadas pela osteopatia, considerando sua individualidade, o seu estado de vitalidade e as suas relações com a sociedade, dando ao corpo uma representatividade social, enfatizando o corpo num sentido de sensível e essencial ao humano.

Duarte (1998) fala sobre a superficialidade da medicina ocidental na consideração do corpo como um todo cita que "saúde social" deve ser compreendida além da dor do corpo, considerando as relações sociais e ambientais, sentimentos, sofrimentos, prazeres, emoções e a maneira na qual todas essas experiências são vivenciadas e processadas. A osteopatia possui um olhar além da dor que está sendo relatada pelo indivíduo, com o objetivo de restaurar as funções dos tecidos corporais, valorizar o ser sob um olhar dinâmico frente as experiências corporais que constitui o todo.

Damasio (1996) considerava que o corpo e o cérebro interagem inteiramente com o meio através dos circuitos neuronais considerando todo o funcionamento do corpo pela percepção somatossensorial, portanto toda alteração presente no corpo é transmitida por impulsos elétricos via redes neurais até o córtex cerebral. Toda comunicação e interação com o meio ocorre por uma rede comunicacional que transmite as informações internas e externas ao corpo. Damasio refere-se ainda que os circuitos cerebrais são em parte definidos pelos genes e outra parte pela experiência vivida por cada organismo e suas particularidades, isso explicaria a individualidade de cada ser que vive em uma sociedade modulando as particularidades de sua existência.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar uma reflexão acerca de uma aproximação entre a osteopatia e a antropologia, percebe que os cuidados dados ao corpóreo tratamento osteopático seguem uma assistência integralizada quanto a abrangência da complexidade que o corpo possui. Atinge a compreensão ampliada da função corporal inserido num contexto social e cultural.

A antropologia relativizando a cultura e o corpo nos eu processo e de saúde e adoecimento do indivíduo auxilia na ampla percepção sobre o ser humano e sua interação com o seu corpo, o meio ambiente e o social no qual está inserido.

O tratamento osteopático possui uma característica que a antropologia considera essencial, visualizando o corpo humano inserido em seu meio social com uma identidade, física, orgânica, mas também com uma identidade cultural e social aos quais estão intrinsecamente ligados. A centralidade do tratamento está na pessoa assim devolvendo funções, o próprio corpo é capaz de se auto regular promovendo a auto cura.

Com vista de manter a vida saudável, prevenindo, promovendo e tratando de processos doentios a atenção à saúde do indivíduo dada pela osteopatia está na integração dos saberes para manter a vida num corpo, para que assim possa reproduzir modos sociais aceitáveis. Podemos afirmar assim que a osteopatia assim como a antropologia centralizam suas abordagens sobre as pessoas em conformidade com a compreensão de eventos nos quais a saúde e a doença não são considerados apenas, mas sim a individualidade de cada ser como um todo e a sua interação com o meio.

A aproximação entre o profissional e o paciente ocorre pelo toque que traduz a intenção, sendo o meio de acesso ao corpo do outro que ocasionalmente não consegue transmitir verbalmente o que está sentindo, sendo o profissional sensível a estes signos que são intrínsecos ao corpo.

Mais estudos são necessários para investigar essa aproximação entre a osteopatia e a antropologia e a maneira na qual essas duas ciências enxergam o corpo e suas relações entre si e o meio no qual está inserido, e como podem promover a saúde voltada não apenas para a ausência de doença, mas sim como um ser integralizado no meio social.

REFERENCIAS

CONSENTINE, S., Staden, C., Crisen, E. Knowing hands converse with an expressive body – An experience of osteopathic touch. **Internatinal Journal of Osteopathic Medicine**. Volume 19 (3-12), 2016.

Damáσιο, A. R. (1996). **O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras.

DAOLIO, J.; RIGONI, A. C.C.; ROBLE, O. J. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. *Pro-Posições*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 179-193, dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000300011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 25 nov. 2018.

DUARTE, L. F. D. Pessoa e dor no Ocidente (o “holismo metodológico” na Antropologia da Saúde e Doença). **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 13-28, Oct. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000200013&lng=en&nrm=iso>. acesso em 27 Nov. 2018.

FERREIRA, J. O Corpo Signico in ALVES, PC., and MINAYO, MCS., **orgs. Saúde e doença: um olhar antropológico** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. Disponível em <http://books.scielo.org/id/tj4g/pdf/alves-9788575412763-09.pdf>. Acesso em 25 de novembro de 2018.

GASTALDO, É. L.; BRAGA, A. A. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 875-894, Dec. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300012&lng=en&nrm=iso>. acesso em 25 Nov. 2018.

INGOLD, T. Become persons: consciousness and sociality in human evolution. **Cultural Dynamics**, v. 4, n. 3, p. 355-378, 1991.

INGOLD, T. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. **London: Routledge**, 2002.

INGOLD, T. Beyond biology and culture. The meaning of evolution in a relational world. **Social Anthropology**, v. 12, n. 2, p. 209-221, 2004.

INGOLD, T. Sobre a distinção entre evolução e história. **Revista Antropolítica**, n. 20, p. 17-36, 1 sem. 2006.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDU/EDUSP, 1974.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. p. 399 – 424.

NICACIO, Erimaldo. Tecnologias do corpo: uma antropologia das medicinas no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1963-1965, dezembro de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000600049&lng=en&nrm=iso>. acesso em 28 de novembro de 2018.

NÓBREGA, T. Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte. Princípios: **Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 7, n. 08, p. 95-108, 2 out. 2010. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/662/606>>. acesso em 28 de novembro de 2018.

SILVA, R.C.M. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 357-389, Junho 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 Nov. 2018.